

Primórdios da imprensa literária no Rio Grande do Sul – A história do jornal *O Guayba**

Beginnings of literary press in Rio Grande do Sul - The history of the newspaper “O Guayba”

Primordios de la prensa literaria en Rio Grande do Sul – La historia del periódico “O Guayba”

DOI: 10.1590/1809-5844201622

Aline Strelow

(Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Departamento de Comunicação. Porto Alegre – RS, Brasil)

Resumo

A Literatura tomou conta da imprensa no Rio Grande do Sul na segunda metade do século 19. Ao todo, circularam no Estado cerca de 70 publicações nesta linha. A primeira delas foi o jornal *O Guayba*, lançado em 1856 e objeto de estudo do presente trabalho. A análise teve como fundamentação teórica a História Cultural. A abordagem metodológica da pesquisa baseou-se no modelo proposto por Robert Darnton para o estudo dos impressos, ou seja, abordou o circuito comunicacional que envolve o objeto – suas materialidades, atores envolvidos e relação com a sociedade. *O Guayba* foi um jornal pioneiro, no qual tiveram lugar as ideias dos principais representantes da primeira geração romântica local. Em suas páginas, muitos nomes importantes da história da imprensa no Rio Grande do Sul tiveram suas primeiras experiências profissionais. A inserção da leitura no cotidiano da cidade é um de seus legados.

Palavras chave: História do Jornalismo. Imprensa literária. História do Jornalismo no Rio Grande do Sul. Jornalismo e Literatura.

Abstract

The Literature dominated the printed media in Rio Grande do Sul in the second half of the 19th century. In total, there were about 70 similar publications circulating at the time. The first one, launched in 1856, was *O Guayba*. In this article, we intend to recover the history of this newspaper, which circulated for two years in Porto Alegre. The analysis will have as the theoretical basis the Cultural History. The methodological approach of the research will be based on the model proposed by Robert Darnton to the study of forms, in other words, it addresses the communication circuit that involves the object – its materiality, stakeholders and its relationship with society. The *O Guayba* was a pio-

* Versão revista e ampliada de trabalho apresentado no GT História do Jornalismo, do 9º Encontro Nacional de História da Mídia – Alcar. O trabalho de catalogação do jornal *O Guayba* foi realizado pela aluna Nádia Campos Alibio, estudante de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Fabico/UFRGS) e bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (Fapergs).

neer newspaper, in which took place the ideas of the main representatives of the first local romantic generation. Many important names in the history of the press in Rio Grande do Sul had their first professional experience in its pages. The insertion of reading in the city's daily life is one of its legacies. **Keywords:** History of journalism. Literary press. History of journalism in Rio Grande do Sul. Journalism and Literature.

Resumen

La Literatura dominó la prensa en Rio Grande do Sul en la segunda mitad del siglo 19. En total, circularon en el Estado cerca de 70 publicaciones en esta línea. La primera de ellas fue el periódico *O Guayba*, lanzado en 1856. En el presente trabajo, pretendemos recuperar la historia de ese periódico, que circuló durante dos años en la capital de Rio Grande do Sul. El análisis tendrá como fundamentación teórica la Historia Cultural. El abordaje metodológico de la investigación tendrá como base el modelo propuesto por Robert Darnton para el estudio de los impresos, o sea, abordará el circuito comunicacional que abarca el objeto – sus materialidades, actores involucrados y relación con la sociedad. *O Guayba* fue uno periódico pionero; en sus páginas, tuvieron lugar las ideas de los principales representantes de la primera generación romántica local. La inserción de la Literatura en el cotidiano de la ciudad fue uno de sus legados.

Palabras clave: Historia del Periodismo. Prensa literaria. Historia del Periodismo en Rio Grande do Sul. Periodismo y Literatura.

Literatura a cavalo

Um verdadeiro acampamento militar. Assim Baumgarten (1982, p.13) caracteriza o Rio Grande do Sul dos séculos 18 e 19. Esse estado de guerra permanente, aliado à atividade campeira, muito contribuiu para a caracterização do gaúcho. Seria também ele, de acordo com o autor, uma das circunstâncias responsáveis pelo pequeno desenvolvimento cultural que até então apresentava o Estado. A herança dos rio-grandenses da segunda metade do século 19 era um número sem fim de combates.

A produção literária também tardaria a se desenvolver. Além do permanente estado de guerra, teria contribuído para isso o isolamento em que vivia a província, a ausência de escolas e a baixa escolaridade dos povos que formaram o Estado. “População esparsa, atormentada pela guerra, a do Rio Grande conheceu também muito tarde os benefícios da escola. A instrução era de remota serventia para essa gente: de guerreiros é que ela nascera; de guerreiros continuava a precisar, e não de letrados e sonhadores”, explica Cesar (1971).

Neste trabalho, lançamos o olhar para o século 19 para estudar o surgimento da imprensa literária no Rio Grande do Sul, por meio da análise de seu primeiro jornal – *O Guayba*. O estudo tem como bases a História Cultural e o modelo proposto por Robert Darnton para o estudo dos impresos, com o objetivo de compreender o circuito comunicacional que envolve o objeto – suas materialidades, atores envolvidos e relação com a sociedade.

A imprensa e o primeiro jornal

A imprensa chega ao Estado durante a primeira fase da história literária do Rio Grande do Sul (1737 a 1834), marcada pela circulação de uma Literatura oral (CESAR, 1971). Foi na cidade de Porto Alegre, no ano de 1827, período em que a economia pastoril entrava em relativa estagnação e a classe dominante local, composta de estancieiros e charqueadores, percebia sua subordinação política ao centro de poder do Rio de Janeiro. As contradições entre a província e a corte recrudesceram no contexto de reação liberal ao governo absolutista de D. Pedro I. Nesse cenário, é criado o primeiro jornal sul-rio-grandense, *O Diário de Porto Alegre* (RÜDIGER, 2003, p.18).

Como situa Rüdiger (2003), a folha é uma publicação do governo, patrocinada pelo presidente da província, Salvador José Maciel. O grau de desenvolvimento da sociedade gaúcha começava a se elevar, tanto na economia, quanto na política e nos aspectos sociais. A capital ultrapassara os seis mil habitantes, em 1819, para 15 mil, em 1830. As condições de civilização começavam a progredir e surgia um público letrado que precisava ser levado em consideração. O primeiro jornal do Rio Grande do Sul foi, assim, um veículo de comunicação oficial, que servia à publicidade governamental e à publicação de atos da administração – para abastecer esse público letrado emergente com informações “confiáveis”. Seu redator, o português Lourenço Júnior de Castro, tinha como função dar forma e fazer o jogo político-administrativo. De qualquer modo, a partir daí, estava aberto o caminho para o surgimento de novos periódicos.

Antes ainda que se defligrasse a Revolução de 1835 e que fosse lançada, em caráter oficial, a imprensa farroupilha propriamente dita, surgiram jornais que atuaram como seus precursores, defendendo, em lados opostos da trincheira, as ideias que dariam corpo ao conflito. Conforme Reverbel et al. (1968), pode-se dizer que o movimento revolucionário foi preparado por essa imprensa – seus textos, muito bem redigidos, teriam influenciado seriamente a opinião pública.

O surgimento do livro

É interessante observar as mudanças culturais que ocorrem em um curto período de tempo, pouco mais de uma década, no Estado. Durante a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, o Rio Grande passa a experimentar forte agitação intelectual, como mostram os jornais que começam a se proliferar, os poetas e a adoção de princípios mais avançados por seus cidadãos. O segundo período apontado por Cesar (1971) iniciaria, assim, em 1834, com a publicação do primeiro livro – *Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses*, de Delfina Benigna da Cunha, e encerraria em 1856, ano de surgimento do jornal *O Guayba*, nosso objeto de estudo.

De acordo com Cesar, (1971, p.69-70), a imprensa no Estado, no período que vai da instalação do primeiro prelo (1827) à Constituição de Piratini (1843), registra uma vibração política seguida de perto por preocupações de ordem literária em alguns de seus centros principais, incluindo, é claro, a capital Porto Alegre. As ideias eram o motor das ações não apenas dos filhos da terra, mas de homens e mulheres vindos de outros lugares.

[...] a vida intelectual, naquele período, não deixou de brotar aqui e ali – modestos olhos d'água que em 1868 iriam formar a rumorosa torrente do *Partenon Literário*. Os gaúchos deram nesse período excelente testemunho de si mesmos. Fizeram a vigília das armas, mas não olvidaram o cultivo do espírito. Literariamente, produziram pouco, que foi muito, dada a limitação dos recursos a seu dispor. Escreveram versos, fizeram jornalismo, cultivaram a história episódica e narrativa (CESAR, 1971, p.70).

Trata-se, assim, de um estado de inquietação literária que coincide com a inquietação do campo político. De um lado ou outro da revolução, *farroupilhas* e *caramurus*, empunharam armas e penas em defesa de seus objetivos. O papel da imprensa, neste contexto, é fundamental. Como base para o exercício do poder simbólico, as páginas dos jornais da época registram, interpretam e divulgam os ideais que movem o conflito.

É a partir da segunda metade do século 19 que os movimentos culturais começam a se desenvolver. A imprensa e a Literatura aparecem com uma grande força. Principalmente na fase compreendida entre os anos de 1850 e 1880, proliferaram os periódicos literários e as associações que se dedicavam à produção e ao estudo da Literatura. O periódico *O Guayba*, objeto de estudo deste trabalho, circulou de 1856 a 1858, reunindo a primeira geração romântica do Rio Grande do Sul. Sua importância, para Baumgarten (1982), reside no fato de ter criado um modelo de imprensa literária que teve inúmeros seguidores no Estado, contribuindo para o desenvolvimento da vida literária na província.

Uma análise à luz da História Cultural

História é reinterpretação. Na impossibilidade de recuperar o passado tal e qual se deu, nos relacionamos com ele por meio das narrativas. Como salienta Paul Veyne (1998), a história não é apenas uma série de acontecimentos, mas a narração desta série de acontecimentos. Essa impossibilidade não é privilégio da história – mesmo lançando mão dos mais refinados métodos de investigação, independente da área de estudos, o pesquisador não consegue acessar a realidade propriamente dita, ontológica, mas apenas os fenômenos da realidade (SANTOS, 2001, p.32). A historiografia, como nos ensina Certeau (2010), traz

inscrito no próprio nome o paradoxo do relacionamento de dois termos antinômicos: o real e o discurso. Ela tem a tarefa de articulá-los e, onde este laço não é pensável, fazer *como se* os articulasse. Como bem define Ricoeur (1961, p.226):

A história é realmente o reino do inexato. Esta descoberta não é inútil; justifica o trabalho do historiador. Ela justifica todas as suas incertezas. O método histórico não pode ser mais que um método inexato.

[...]

A história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver, mas só pode reconstruir. Ela quer tornar as coisas contemporâneas, mas ao mesmo tempo tem que reconstruir a distância e a profundidade da lonjura histórica.

[...]

Essas dificuldades não são vícios do método, são equívocos bem fundamentados.

Isso não significa que o pesquisador escreva sobre fatos que não aconteceram, ou pelo menos não daquele modo, mas que o sujeito pesquisador está sempre presente na análise empreendida. O horizonte da objetividade, que deve ser o do pesquisador, não deve ocultar o fato de que a história é também uma prática social. Como sublinha Le Goff (2003), é legítimo observar que a leitura da história do mundo se articula sobre uma vontade de transformá-lo.

Este artigo integra o projeto de pesquisa *Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX – Textos e contextos*, no qual nos propomos a estudar os periódicos que circularam no período no Estado, reservando à Literatura espaço privilegiado em suas páginas. Pretendemos compreender os significados plurais dos textos que circulavam na sociedade da época e como os leitores se relacionavam com eles. Queremos perceber como as ideias eram transmitidas por meio dos textos e como influenciavam no comportamento dos leitores. Queremos conhecer estes escritores-jornalistas, pioneiros na construção de um ambiente literário no Estado e como se dava seu trabalho.

A imprensa literária e seu circuito de comunicação

A abordagem metodológica da pesquisa terá como base o modelo proposto por Darnton (2010, p.127) para o estudo dos impressos. Tal modelo parte da premissa básica de que é necessário um esforço do pesquisador para enxergar o objeto como um todo, entender o ciclo comunicacional que lhe dá vida. “As partes não adquirem seu significado completo enquanto não são relacionadas com o todo”, explica o autor (2010, p.126).

Como, nesta investigação, nosso objetivo é compreender a história dos jornais literários sul-rio-grandenses do século 19 por meio de seus processos – de produção,

conteúdo e recepção, a proposta de Darnton é oportuna. O que o autor sugere é uma análise do circuito comunicacional que envolve o objeto – ou seja, suas materialidades, os atores envolvidos e sua relação com a sociedade.

De acordo com Barbosa (2010), o modelo conceituado por Darnton como circuito da comunicação considera o percurso que vai dos produtores do texto às formas de apropriação diferenciadas das mensagens pelo público. A observação do que se produziu, como, para quem, com que consequências para a sociedade constitui a linha mestra da proposta do autor. “É preciso desvendar quem escrevia nesses periódicos, que estratégias esses impressos empregavam para buscar um público mais amplo – ou seja, apelos, valores e estratégias evocadas no seu discurso –, como funcionavam essas empresas e de que forma os textos chegavam ao público”, esclarece a autora (2005, p.104).

Para compreendermos, a partir deste modelo, a história da imprensa literária sul-riograndense do século 19, lançamos mão de técnicas de pesquisa que são fundamentais para conseguirmos acessar os principais momentos do circuito. São elas: pesquisa bibliográfica, análise de conteúdo e pesquisa documental.

Por meio das pesquisas bibliográfica e documental, pretendemos estudar a sociedade e o contexto da época, desvendar o momento literário e jornalístico vivido pelo Rio Grande do Sul, quem eram os atores envolvidos no processo produtivo e vislumbrar a realidade dos leitores. A análise de conteúdo das principais publicações do período possibilita a compreensão das temáticas abordadas, dos gêneros jornalísticos e literários empregados, além de rastrear os vestígios sobre autores e leitores dos textos analisados. Isso porque o texto, como lembra Ricoeur (1990), se completa pelo itinerário da leitura – trata-se, assim, de uma produção comum do autor e do leitor.

A Literatura ganha um jornal

O primeiro periódico literário do Rio Grande do Sul, *O Guayba*, foi lançado no dia 03 de agosto de 1856 e circulou até 26 de dezembro de 1858. Era impresso nas oficinas da Tipografia Brasileira-Alemã¹, apresentava formato 30 x 20, composto de oito páginas e com circulação dominical. Sua assinatura anual custava 12\$000 e era paga em trimestres adiantados. A coleção do jornal disponível no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa foi digitalizada, no âmbito do projeto de pesquisa que contempla este artigo, e está disponível para consulta em www.ufrgs.br/jornaisliterarios.

¹ A Tipografia Brasileira-Alemã ficava na Rua Nova, atual Rua Andrade Neves, no centro da cidade.

Figura 1 – Capa da edição de 19/10/1856

PORTO-ALEGRE, DOMINGO 19 de OUTUBRO de 1856.

O GUAYBA.

PERIODICO SEMANAL, LITTERARIO E RECREATIVO.

Anno I. Ho. 12.

Assignatura mensal 1:000 Rs; paga em trimestres adiantados. Para fóra da Capital : Semestre adiantado 7:000 Rs.

REDACTORES: Carlos Jansen e Joao Vespucio de Abreu e Silva.

A PHILOSOPHIA.

A substancia immaterial que nos abre as cortinas do berço, para que a luz, como a primeira verdade pai-re sobre os nossos órgãos, e n'elles desenvolva os germens da intelligencia, é a differença mais preciosa que nos distingue dos outros ani-maes.

O pensamento nasce com o corpo, mas não actúa sem os elementos de disponibilidade, logo que a orga-nização se mostre apta para receber noções das cousas, sobre que reaja a nossa actividade.

E a philosophia é o phanal constante que preside às evoluções do pensamento, que n'elle penetra e o inspira com o desejo de conhecer a natureza das cousas e os fins de sua criação.

A philosophia nasce com o corpo, porque a vida é uma senda que vai ser balizada pela experiencia, e mais um conhecimento é um passo para a perfeição; os fac-tos desafiam os calculos do raciocinio, e a philosophia illustra-o nas operações que lhe promove.

Inda emballado pelas caricias maternas, o inno-cente já sorri pelo futuro, e depois d'esse beijo un-gido de beatitude, que os labios de sua mãe lhe depositão na face, vem a philosophia radiar-lhe na fronte como uma estrella que se inoculasse no assetinado dos céos para lhe dirigir os destinos.

A sua futura religião está n'ella, que o vem levan-tar do pavimento animal para apontar-lhe na vasta ga-loria do mundo o busto venerando da virtude que se coroa de flores, e pisa sobre um tapete de absynthos.

A philosophia é a esponja milagrosa que lava a imaginação de seus absurdos, fructo dos principios que a educação faz germinar viciosos na idade em que as idéas não tem base, e adeção inconsequentes, como fo-lhas seccas á mercê dos caprichos da tempestade.

A philosophia deita a primeira pedra da sua archi-tectura, quando o corpo se habilita para acompanhá-la pela passagem inda que rapida de alguns aconteci-mentos.

Ella se desvirtua ás vezes apparentemente, mas permanece na raiz indestructivel como Deos, sublime como a Revelação do Sinai; ás vezes impalpavel como Kant, outras despedida como o rosicler da manhã desenhado sobre o céu da nossa terra!

Differentes systemas se lem destacado do mesmo foco, e como viajantes que se despedem para pontos bem distantes, vem se encontrar no mesmo vertice — Deos e verdade! —

Unicos é mesmos, estes dois vocabulos despedação todos os subterfugios da logica, e symbolisão o extremo de toda a argumentação.

O atheismo mesmo é uma philosophia, que vem calorosa claudicar sobre os degrãos magestosos da ver-dade ou de Deos, (sub nomine de acaso) como a onda empolada que vem soberana esfarellar-se no pe-destal de um rochedo de marmore.

Fonte caudal de todas as sciencias, a philosophia assenta seu throno sobre as ruinas da escola grega, e vem florescer vigorosa no jardim das nações mo-dernas.

Quebrando antigos prejuizos que erão como elos de ferro que estorvavão a marcha do progresso, vimos aluidas as doutrinas confuzas do empirismo, e de per-feição em perfeição levantar-se o sol da intelligencia de um horisonte claro e desfrontado para fazer desappare-cer o erro como a Laodice dos antigos Troyanos.

A influencia problematica do espirito e do corpo é a these mais poderosa do raciocinio, e como ella, to-das as theorias que a natureza não possa desenvolver aos olhos da rasão, far-nos-lhão convencer que a phi-losophia existe em cada um de nós, baseada nos mesmos principios, transviando-se nos meios, mas indo perecer nos mysterios ou na luz da religião, que mata todos os recursos da demonstração, porque o pensamento de Deos é inviolavel!

Enfim como Buffon disse a respeito do stylo, diremos nós a respeito da philosophia, isto é: — La phi-losophie c'est l'homme!

Seus redatores eram Carlos Jansen, editor e também proprietário da Tipografia, e João Vespúcio de Abreu e Silva. Na obra de Ferreira (1975, p.13-16), temos acesso ao texto de apresentação publicado na primeira edição do jornal, do qual selecionamos o trecho abaixo:

A imprensa, porém, é a sua [da inteligência] encarnação mais fiel, seu mais legítimo representante – é o grande teatro de suas lutas. O livro é a inteligência do sábio raciocinando, o panfleto é a inteligência do político afrontando o mar esparcelado das paixões; o jornal é a inteligência do povo, advogando seus interesses e proclamando seus direitos.

Eis por que a imprensa é o apóstolo da liberdade e do pensamento: é a inteligência escrita, o povo emancipado e a liberdade armada.

É assim que compreendemos a alta missão da imprensa, sem termos todavia esperanças e menos ainda presunção de acompanhá-la em sua carreira triunfal. Se hoje aparecemos, inexpertos gladiadores, na liça da publicidade é para dar o grito de alerta nos arraiais silenciosos da mocidade, despertando esta plêiade de jovens esperançosos, cujas inteligências despontam agora aos raios vivificadores do talento, sacudindo-os da modorra que os entorpece, da descrença que os acabrunha, da ociosidade que os estraga, revelando-lhes o que eles podem e mostrando-lhes o tempo que passa e o futuro que chega.

No mesmo texto, os diretores reconhecem a força e fragilidade de seu combate, que se dá no campo das letras. *O Guayba*, segundo eles, teria suas páginas abertas aos ensaios de inteligência, seria uma hora de distração para o público. E fazem um protesto: desejam ser uma entidade neutra no campo da política provincial. Não desejam, assim, advogar interesses de partido ou de pessoa alguma, mas pretendem falar do povo, revelando-lhe seus direitos, ensinando-lhes os seus deveres. É importante ressaltar esse posicionamento da folha. Mesmo que impossível de ser alcançado em sua totalidade, o discurso da neutralidade já aparece nesse momento, em 1856, período marcado pela prática do Jornalismo político-partidário. O novo Jornalismo literário e noticioso que ganha corpo na segunda metade do século 19 iria, então, especializar-se na difusão de notícias e na discussão de assuntos da atualidade, como mostra Rüdiger (2003, p.60).

De acordo com o autor, a formação de uma mentalidade burguesa favorecia a diversificação das concepções jornalísticas vigentes, dando espaço para novos valores, como a veracidade noticiosa e a imparcialidade editorial, que contribuía para ampliar o público leitor dos jornais. Verifica-se, como consequência disso, a manifestação, cada vez mais comum, do princípio de neutralidade, como aparece na apresentação de *O Guayba* – no decorrer da trajetória do jornal, no entanto, está presente em suas páginas o posicionamento mais explícito quanto a diferentes questões.

Homens e mulheres das letras

Em torno da redação de *O Guayba*, reuniram-se nomes promissores da época, como: Félix da Cunha, Pedro Antônio de Miranda, Miguel Meirelles, Rita Barem de Melo, Zeferino Vieira Rodrigues Filho, João Capistrano Filho, Catão Damasceno Ferreira, Eudoro Berlink e Furtado Coelho, entre muitos outros. Como salienta Ferreira (1975, p.17), o número de colaboradores era extenso e sua presença era assídua nas páginas do jornal. Configurava-se, assim, uma publicação tipicamente local, que reflete de modo bastante acentuado as preocupações, tendências e preferências do meio, sem deixar de contemplar as influências vindas de fora, com especial destaque para a presença do romance-folhetim, em traduções de originais franceses e ingleses, como Alexandre Dumas e Frederick Marryat, ou nacionais, como Reinaldo Carlos Montoro². “Em geral, suas páginas, tanto as de poesia quanto as de prosa, são produções originais, de escritores e poetas da província, imaturos em sua maioria, mas que já procuram uma linguagem própria e dão curso ativo, através do periódico, a seus ensaios nos domínios das letras”, sublinha o autor (1975, p.17).

A primeira geração romântica sul-rio-grandense teria, nas páginas de *O Guayba*, seu veículo de expressão. A contemplação, a melancolia, a tristeza e o abandono passam a ocupar o lugar antes reservado aos aspectos mais genuinamente gaúchos. De acordo com Cesar (1971, p.153), tivemos, no Rio Grande do Sul, uma corrente *casimiriana*³ antes mesmo de Casimiro de Abreu. Com o grupo de *O Guayba*, a Literatura rio-grandense começou a tomar forma definida. A partir dele, os poetas e escritores locais começaram a aparecer em grupo, unidos por ideais e aspirações comuns. As afinidades com os românticos do Centro e do Norte era perceptível, até mesmo na infeliz identificação como “escola de morrer jovem”, pois quase todos morreram prematuramente.

Os fundadores do periódico foram Félix Xavier da Cunha, Carlos Jansen e João Vespúcio de Abreu e Silva. Félix da Cunha iniciou, em 1856, mandato como deputado provincial. Além de político, foi jornalista, poeta, escritor e advogado. Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas, serviu na Guerra do Paraguai. Foi militar do Corpo de Engenharia, diretor da estrada de ferro Central do Brasil, da estrada de ferro de Pernambuco e da estrada de ferro Porto Alegre – Uruguaiana. Foi um dos organizadores do Partido Liberal no Rio Grande do Sul (FRANCO, 2010). Iniciou-se na poesia muito jovem, mas, com o passar dos anos, dedicou-se com mais afinco à imprensa partidária (CESAR, 1971, p.155).

² Na coleção de *O Guayba*, disponível para consulta no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa (Porto Alegre, RS), foi identificada a publicação dos romances *Cherubino* e *Celestino*, de Alexandre Dumas; *Cain, o pirata*, de Frederick Marryat; *A donzela pálida*, de Reinaldo Carlos Montoro, escritor português que chegou ao Brasil ainda adolescente.

³ O romantismo do poeta Casimiro de Abreu é marcado pelo saudosismo, pela melancolia, por uma nostalgia da infância. Destacam-se, ainda, o nacionalismo e a exaltação à pátria.

O jornal tinha como editor responsável Carlos Jansen, que, como já referido, era proprietário também da tipografia onde *O Guayba* era impresso. Alemão naturalizado, era natural de Colonia. Chegou ao Brasil em 1851, contratado como soldado mercenário pelo governo para lutar na Guerra do Paraguai. Com domínio do latim, rapidamente aprendeu o português, tornando-se escritor e jornalista. Casou em Porto Alegre, com Rita de Araújo e Silva, e chegou a ser deputado provincial (REVERBEL et. al, 1968). Autor da novela *O Patuá*. Como lembra Laytano (1974), tinha *mania de escrever*, ir para as gazetas, publicar livros escolares, traduzir obras, frequentar revistas e periódicos de curta vida, revistas famosas ou modestas e ingressar ativo com seu lastro nos diários e semanários, tanto em língua alemã quanto em português. Mais tarde, na década de 1860, Félix da Cunha e Carlos Jansen trabalhavam novamente juntos, na redação do jornal *O Mercantil*, dirigido pelo primeiro.

Aparece como redator, ao lado de Carlos Jansen, o poeta romântico e jornalista João Vespúcio de Abreu e Silva. O pai era gaúcho e, com a família, estava morando na Bahia. Por isso João Vespúcio nasceu lá. Casou-se em Porto Alegre em 1861 e faleceu em outubro do mesmo ano, aos 31. Foi professor em Pelotas, administrador da mesa de rendas gerais de Bagé, secretário da Instrução Pública (tema que aborda com frequência nas páginas do jornal), administrador do correio geral da província e deputado provincial pelo círculo de Rio Pardo. Na fundação do primeiro Instituto Histórico e Geográfico, foi considerado sócio efetivo. Trabalhou, por algum tempo, em jornais do Rio de Janeiro, para onde foi em busca de um clima menos agressivo à frágil saúde. Chamado pelos contemporâneos de *Poeta da Solidão*, nome de uma de suas poesias, João Vespúcio de Abreu e Silva teve uma vida de enfermidades. No período em que *poetou* em Porto Alegre, ainda não conhecia a fundo a vida cultural da província. Sentia-se só e desamparado. Com grande força de vontade, conseguiu quebrar um pouco o indiferentismo que o cercava. Sua poesia é de tom sombrio e pouco ou nada revela do ambiente e da paisagem do sul (CESAR, 1971, p.154-155).

Como representante feminina do romantismo local, é importante destacar a participação da poetisa Rita Barem de Melo, que assinava seus poemas como *Jurity*, pseudônimo que remete à ave arisca e de canto melancólico. Nascida em 1840, em Porto Alegre, publicou seus versos no jornal entre os 16 e 17 anos. De acordo com Cesar (1971, p.158-159), aparece com uma voz suave e pura: “A pequena obra poética dessa apagada e infeliz provinciana nos encharca de melancolia, dada a força com que exprime fraquezas – o desamparo, o abandono, a solidão”. Os temas da poetisa de origem pobre foram o amor infeliz, a maternidade e a morte.

Gomes (2015) ressalta que *O Guayba* demarca um modo de apresentação diferenciado na imprensa local, ao reunir um grupo disposto a participar como escritores, leitores ou mesmo membros da comunidade preocupados com a constituição de um legado histórico-literário da memória das práticas na província. “Esse grupo constrói outra alternativa de

inserção no espaço público, isto é, outro modo de ação política na capital dos rio-grandenses, já que os impressos periódicos literários são o meio pelo qual os atores sociais engajados nas questões sociais buscam se manifestar sem a necessidade do estrito vínculo partidário”, salienta Gomes (2015, p.48).

Diversidade de gêneros nas páginas do jornal

Uma Porto Alegre que ainda não conhecia o crescimento industrial toma conta das edições do jornal *O Guayba*. A instrução pública ainda era uma novidade, voltada, especialmente, para a educação dos rapazes. Às meninas e moças, de um modo geral, restava a educação caseira e, para as mais instruídas, o gosto pela Literatura. Nesse sentido, os jornais literários representaram um inestimável serviço cultural, como pontua Hohlfeldt (2003, p.257). Eles inserem os leitores em um universo mais amplo, ao mesmo tempo em que tornam cotidiano o hábito da leitura.

Mas, quais eram as temáticas abordadas nesses jornais? Sobre o que falavam? Quais eram as preocupações dos homens e mulheres que se dedicavam a recheiar de ideias suas páginas? Para mergulhar nos textos de *O Guayba*, lançamos mão da análise de conteúdo, como proposta por Bardin (1977). Catalogamos todas as edições disponíveis para pesquisa no acervo do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa⁴. Ao todo, são 183 textos, publicados em 26 edições, ao longo dos anos de 1856 e 1857⁵.

A folha era semanal e composta, na maioria das vezes, por oito páginas. Apesar de alguns textos aparecerem soltos, a redação do periódico já demonstrava preocupação em organizar o conteúdo, dividindo-o em seções, algumas delas presentes em quase todas as edições analisadas. É o caso da seção *Revista*, que traz relatos do cotidiano da cidade de Porto Alegre, em uma verdadeira miscelânea de gêneros. Estão presentes ali a crônica, a nota, a poesia, as cartas de leitores (devidamente respondidas) e as charadas. É neste espaço, também, que aparecem algumas discussões sobre o Jornalismo praticado na época, em especial pelo próprio jornal *O Guayba*. A seção é assinada por *O Freguez*, pseudônimo de Pedro Antônio de Miranda, como revela Ferreira (1975, p.23).

A poesia aparece como o gênero predominante, na seção *Album Poetico*. A melancolia, o abandono, os amores impossíveis e a nostalgia são as marcas dos poemas publicados em *O Guayba*, mostrando seu forte vínculo com o romantismo. Merecem espaço, também, perfis de figuras proeminentes na história do Rio Grande do Sul, como o texto dedicado à

⁴ O Museu Hipólito José da Costa é uma instituição da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. Seu acervo de jornais reúne mais de três mil títulos. Ao todo, são mais de 50 mil exemplares. Informações podem ser obtidas no site www.museudacomunicacao.rs.gov.br.

⁵ Os exemplares analisados foram digitalizados e serão disponibilizados para pesquisa em página do projeto que se encontra em fase de desenvolvimento. Para a catalogação, foram utilizados os programas Microsoft Excel e IBM SPSS.

trajetória do Visconde de São Leopoldo, reunidos na seção *Biografias*, presente em apenas três das edições analisadas.

Destaque mesmo na folha tem o romance-folhetim, verdadeiro fenômeno surgido na França algumas décadas antes e que se alastrou rapidamente pelo mundo afora. Presente no Brasil desde o final da década de 1830, o gênero foi, provavelmente, lançado no Rio Grande do Sul pelo jornal *O Guayba*. O romance aos pedaços era publicado sempre ao final da edição, na seção *Romances e Novellas*. Algumas edições, inclusive, trazem mais de um romance, o que não é pouco para uma folha de apenas oito páginas. De modo geral, são publicadas traduções, feitas pela própria redação, de originais estrangeiros. Nos exemplares analisados, encontramos: *Os proscriptos* (sem identificação de autor); *O diário de uma joven esposa* (tradução, mas sem identificação de autor); *Cherubino e Celestino* (tradução dos redatores para o romance do francês Alexandre Dumas); *Sem se ver* (tradução para o texto do francês Alphonse Karr); *Cain, o pirata* (tradução do original inglês de Frederick Marryat); *Alice* (sem identificação de autor) e *A donzela pálida* (de Reinaldo Carlos, português residente no Brasil).

Os causos da cidade e seu narrador

Com presença em todas as edições analisadas, na seção *Revista*, mas também em artigos e poemas, o tema predominante de *O Guayba* são os relatos da cidade de Porto Alegre. Os jantares, a moda, as peças de teatro, os eventos religiosos, o calçamento e as pequenas contravenções de uma urbanidade nascente são narrados em um texto inteligente, carregado de ironia. Na edição do dia 18 de janeiro de 1857, ficamos sabendo pelo *Freguez* que, no *Beco do Fanha*⁶, existe uma senhora que se encarrega da educação de meninas dos 14 aos 25 anos e que vai buscá-las pelos arrabaldes da cidade. A informação é seguida de breve denúncia do autor: “Palavra que se eu fosse homem de polícia era capaz de indagar que meios emprega esta honrada creatura para illustrar essas inocentes e puras filhas da natureza”⁷. Isso porque o *Beco do Fanha* era famoso por reunir as prostitutas da cidade. A Porto Alegre dos becos toma conta do jornal, com seus nomes curiosos: *Pecados Mortais*, *Beco do Poço*, *Rua da Brigadeira*, *Beco do Lyceo*, entre outros.

A moral e os bons costumes estão na ordem do dia, como deixa clara a reivindicação, do mesmo autor, publicada no dia 15 de fevereiro de 1857:

⁶ O *Beco do Fanha*, atual Rua Caldas Júnior, levava esse nome por conta de um taberneiro fanhoso, Francisco José Azevedo, que ali fora morar entre as prostitutas que povoavam a ruela (FRANCO, 1998).

⁷ Mantivemos a grafia original das palavras, de acordo com o texto publicado no jornal *O Guayba*, de 18 de janeiro de 1857, ano II, nº 3, p.22.

Figura 2 – A seção “Album Poetico” reunia o gênero predominante em “O Guayba”.
Página da edição de 28 de junho de 1857



Figura 3 – Os romances-folhetins são apresentados aos leitores sul-rio-grandenses na página “Romances e Novellas”.

Edição de 15 de fevereiro de 1857

O GUAYBA. — 55 —

Romances e Novellas.

CHERUBINO E CELESTINO.
POR
Alexandre Dumas.

Esta traducção, propriedade do Guayba, não poderá ser reproduzida sem prévia licença do Editor.
(Continuação.)

Antonio estava extenuado de fadiga: havia dois dias e duas noites que não descansava. Procurou uma sombra, fez um travesseiro com um feixe deervas, envolveu-se em seu manto, e dormiu à somno solto até que o acordarão para jantar.

O jantar d'esse dia foi como o da vespera — muito delicado em caça. Antonio notou a mesma regularidade na distribuição, a mesma abundancia d'agua, e a mesma falta de pão.

No dia seguinte os mesmos incidentes se renováram: ainda decorreo outro dia sem haver nenhuma mudança na maneira de viver. Emfim, em seis dias Antonio tinha comido sempre às mesmas horas, sem que pudesse adivinhar porque meio mitigroso se renovavam as provisões.

Na manhã do sétimo dia, Antonio pensativo foi passear pela extremidade do rochedo que olhava para o mar: via que não lhe restavam senão vinte e quatro horas para descobrir um segredo que ha sete dias procurava em vão fazer-o. Apenas lançou os olhos pelo vallé, descobrio o maldito coronel no mesmo lugar em que elle tinha jurado voltar, com o oculo assentado, e tendo perto de si o gordo doutor. Pelo movimento que fez o coronel descobrindo-o, Antonio vio que o tinha reconhecido; depois passou o oculo ao coronel, que olhou por sua vez e fez um signal de cabeça, como para dizer: — tendes razão, coronel; é elle sem duvida alguma.

— Sim, sim, não errastes, dizia Antonio entre si; é o imbecil, é o tolo de Antonio. Depois olhando com uma attenção particular para as bellas arvores que rodeavam o grupo, que o considerava com tanto cuidado, perguntava qual devia escolher para ser mais agradavelmente enforcado. Estava mergulhado nestas reflexões quando sentio baterem-lhe no hombro; voltou-se rapidamente e vio o capitão em pé detraz d'elle.

— Eu te procurava, disse Jacomo.
— Eu, capitão?
— Sim, é a tua vez.
— A minha vez? perguntou Antonio.
— Sim, sem duvida, — a tua vez.
— Para fazer o que?
— Boa pergunta! para ir à provisão.
— Ah! exclamou o bandido.

— Vamos, despacha-te, disse Jacomo: vês que teos camaradas te esperão alli em baixo. Os olhos de Antonio seguirão a direcção indicada pela mão do capitão, e vio effectivamente dois de seos camaradas, que lhe fizeram um signal com as cabeças.

— Estou prompto, disse Antonio, e foi unir-se á elles sem perder tempo. Adiantarão-se então os trez em silencio para um lado do rochedo cortado tão perpendicularmente, e com tal altura, que o coronel tinha julgado inutil shi collocar uma sentinella. Chegados á beira do precipicio, e em quanto o considerava com a tranquillidade de um montanhez, um de seos companheiros, desviou-se um pouco, remecheo em uma moita, tirou um sacco e uma corda, e chegando-se para Antonio, lhe pendurou o sacco no pescoco, e passou-lhe a corda por debaixo dos braços.

— Que diabo ides vós fazer? perguntou este que começava á inquietar-se com tal cerimonia. Um dos homens deitou-se então sobre o ventre de maneira que sua cabeça sómente excedesse a linha do precipicio.

— Faz como eu, disse então elle para Antonio.

Antonio obedeceo e se collocou ao lado de seu camarada.

— Vês tu aquella arvore? disse-lhe mostrando com o dedo um pinheiro que nascia pelas fendas do rochedo, vinte pés abaixo d'ellés e á mil pés acima do fundo do valle.

— Sim, respondeo Antonio.

— Detraz do pinheiro não descobres uma cavidade?

— Sim, respondeo Antonio.

— Ora bem! nessa cavidade ha um ninho de agua; nós te descereamos até o pinheiro, tu o agarrarás com uma mão e com a outra procurarás no ninho e o que achares porás no sacco.

— Como? os filhotes? Perguntou Antonio.

— Não, a caça que o pai e a mãe lhes trazem e da qual comemos trez quartos e elles o resto.

Antonio agitou-se alegremente.

— E quem teve esta idéa? perguntou elle.

Desejo que o Sr. Inspector do quarteirão que fica entre as ruas Direita (Mixta lhe chamo eu) e Bella nos explique a razão porque consente que uma moderna Messalina escandalise os castos ouvidos da vizinhança em suas conversações com seus apaixonados. Olhe que não estamos em Roma e sobre tudo a Roma do reinado de Claudio⁸.

Acontecimentos inusitados, como a espera pela passagem de um cometa pela cidade, eram assunto para várias edições da *Revista*. “Conta-se que no dia 13 ha de chegar até nós um gastrônomo sem igual no systema planetario, que nos hade engolir á todos (não sei se por almoço, jantar ou ceia)”⁹, alerta *O Freguez*, informando, com a ironia que lhe é peculiar, que os velhos se tornarão jovens, que as moças maduras irão agarrar-se ao primeiro que passar perto delas, os deputados passarão a senadores e Paris trocará de lugar com Porto Alegre. Três edições depois, tendo dedicado muitas linhas ao cometa que acabou não aparecendo, Pedro Antônio de Miranda esclarece aos leitores que um cometa é, para um jornalista, como uma mina de ouro: “A phantasia a mais mediocre d’elle póde tirar material para tornar interessante cinco ou seis numeros de sua folha”¹⁰.

As peças teatrais também tinham espaço garantido, seja como alvo de críticas mordazes como para receberem elogios derramados. Foi este o caso de *Capitão Paulo*¹¹, peça encenada em Porto Alegre em outubro de 1856, baseada no texto de Alexandre Dumas, sucesso na França e também no Brasil em forma de romance-folhetim. A crítica teatral d’*O Freguez* foi pioneira no Rio Grande do Sul. De acordo com Martins (1978), Pedro Antônio de Miranda teria nascido em Porto Alegre, em 14 de novembro de 1843, de modo que sua colaboração com *O Guayba* se daria entre seus 13 e 14 anos. Foi diplomado professor pela Escola Normal da capital, professor primário em Santa Maria e São Borja e fundador e diretor de uma escola primária em Itaqui, todas cidades do interior do Rio Grande do Sul. Foi, ainda, advogado provisionado em Porto Alegre e Uruguaiana, tabelião em Pelotas e Itaqui. Sua atuação jornalística teve lugar na capital, como bem sabemos, e também em Pelotas. Publicou críticas, crônicas, poemas, poemas em prosa, quadras humorísticas e almanaques.

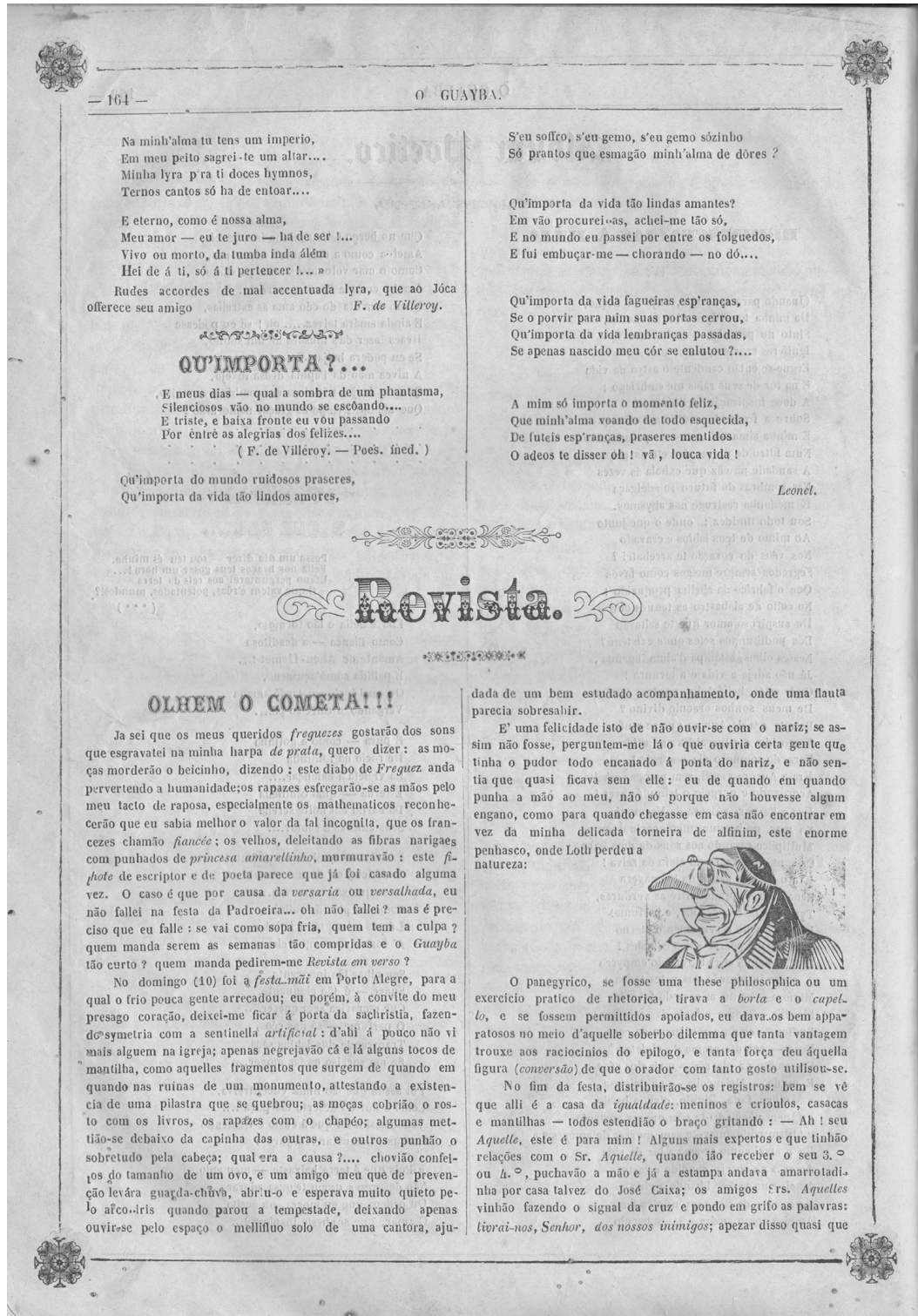
⁸ Mantivemos a grafia original das palavras, de acordo com o texto publicado no jornal *O Guayba*, de 15 de fevereiro de 1857, ano II, nº 7, p.53. A referência ao reinado de Cláudio, imperador romano de 41 a 54 d.C., deve-se a sua esposa, Valéria Messalina, conhecida por suas relações extraconjugais.

⁹ *O Guayba*, ano II, nº 21, 24 de maio de 1857. Mantivemos a grafia original.

¹⁰ *O Guayba*, ano II, nº 25, 21 de junho de 1857. Mantivemos a grafia original.

¹¹ *Capitão Paulo* foi o primeiro romance-folhetim publicado no Brasil, em 1838, no *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro.

Figura 4 – Cometa foi assunto na edição de 24 de maio de 1857



Leitores e leitoras

Os textos publicados semanalmente em *O Guayba* permitem entrever os leitores aos quais eram direcionados. Não são poucas as vezes em que os redatores mencionam comentários, cartas ou ações dos leitores e assinantes da folha. Fica claro tratar-se de um jornal voltado para homens e mulheres. Quando publicou, em 19 de julho de 1857, artigo de um leitor identificado como *O encarnado*, fazendo fortes críticas à conduta feminina, os redatores de *O Guayba* inserem uma pequena introdução ao texto, como forma de alertar as leitoras a respeito do que está por vir, lembrando que a elas a folha reserva a “melhor parte de suas colunas”. A educação feminina, por sinal, aparece como tema importante no periódico, apesar de seu objetivo não seja a emancipação da mulher, mas sim o aprimoramento de sua atuação como mãe e dona de casa, como a responsável por formar homens de caráter.

Os leitores homens, além de citados em diferentes textos, também enviam cartas ao jornal, como fez Manoel dos Monturos, na edição de 25 de janeiro de 1857:

Ferido do mais doloroso sentimento faz sciente a V. S^a., Manoel dos Monturos, no sábado ao meio-dia seu cavalo tornou-se!!!!...

Pasto da morte! victima do nada.

E como até agora se acha ainda insepulto, roga a V. S^a. a caridade de acompanhar o seu cadáver antes que se faça pelle e osso, para o lugar que a Camara destina. Nada somos n'este mundo.

A carta é dirigida ao fiscal do distrito, mas Pedro Antônio de Miranda se adianta e sugere ao leitor que leve o cavalo nas costas, já que os fiscais não gostam muito de mau cheiro, ou seja, fariam pouco para ajudá-lo. Em sua ironia, sugere que, da próxima vez, o cavalo seja enterrado ainda vivo.

Chama atenção, na coluna *Revista* deste mesmo dia, a carta enviada pelo escravo Pai Xico:

Vuçusse qui sicreve tantu cosa na foia, non fará ieu pretu cativo tá agarrar o gente pra sordáro. Zi minha parente tá ni mercado tá sujanro turo essa praia, e zi branco tá lá na janera di sobráro. Fará isso, Sr. Freguese, ieu fica Vuçusse muito obrigaró.

A participação dos escravos como soldados em diferentes conflitos no século 19, como a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai, são objeto de estudo de um bom número de pesquisadores contemporâneos. Seduzidos pela promessa de liberdade após a

guerra ou levados à força, certo é que as tropas foram engrossadas pela presença de negros cativos. Pai Xico não queria virar soldado. Mas *O Freguez* explica que não há escolha. Para ele e para nenhum outro:

‘Se até eu, ex-actual empregado debalde com alguns mais gritávamos – Eu sou Padre – Eu sou G. N. – eu futuro empregado – eu inspector do quartirão. – Qual! historias! Iamos sendo todos bifados. Console-se meu bom preto, em ser considerado por algum tempo cidadão, como nós outros’. O próprio Pedro Antônio Miranda participaria, anos mais tarde, da Guerra do Paraguai (MARTINS, 1978, p.30).

Os assinantes também eram frequentemente presenteados com coleções de romances, impressos sempre na Tipografia Brasileira-Alemã. Dos mesmos prelos, saía a *Folhinha Rio-Grandense*, enviada como brinde aos assinantes de *O Guayba* (HOHLFELDT, 2003, p.69). O público leitor, como afirma Gomes (2015, p.49-50), provinha, em grande parte, do ensino secundário, formado tanto por alunos quanto por professores. “A luta na qual se engajavam os letrados da província sulina visava à conquista das jovens inteligências rio-grandenses para o trabalho literário”, destaca a autora (2015, p.52). Estão incluídos, entre os leitores almejados, aqueles envolvidos no trabalho das tipografias, mesmo os analfabetos, pois formam a parcela que ouve, com ou sem interesse, os assuntos das ruas; os comerciantes que leem e colocam os jornais à disposição de seus clientes; os professores públicos e particulares que são também colaboradores e disseminadores desses periódicos; funcionários da administração pública, políticos, juízes, médicos, boticários e outros profissionais cuja atividade não possa prescindir da leitura e da escrita (GOMES, 2015, p.63).

Considerações finais

A análise do jornal *O Guayba* e do circuito comunicacional que lhe deu vida integrou o projeto de pesquisa *Imprensa literária no Rio Grande do Sul no século XIX – Textos e contextos*. Encontramos nele um jornal pioneiro, que ofereceu, pela primeira vez, suas páginas aos escritores e poetas de então. Eles eram jovens, muito jovens, e passaram a constituir um grupo, cujas contribuições iriam além daquelas páginas impressas na Tipografia Brasileira-Alemã. Influenciados pelo romantismo, deixaram de lado as preocupações da vida campeira e dedicaram-se às dores do amor proibido, ao desespero da separação, à saudade da infância e à redenção pela morte.

Sua influência na vida jornalística da província seria profunda, não apenas representando o início de uma vertente que se fortificaria até o final do século, mas

representando as primeiras experiências profissionais de nomes que iriam figurar em grandes jornais do período, fazendo história no campo da imprensa, mas também, em alguns casos, na atividade política.

A inserção da leitura como prática cotidiana é certamente seu maior legado. Em uma cidade onde o livro era produto de luxo, a circulação da Literatura nos jornais ampliava, e muito, o universo de leitores. São alguns desses leitores que conseguimos vislumbrar nos textos do jornal: as moças e mulheres, às quais a folha dedica boa parte de suas colunas, os homens, que enviavam cartas para solucionar questões práticas ou elaborados artigos para firmar seu lugar na sociedade e até mesmo o escravo, que não apenas lê o jornal, mas também escreve.

Referências

BARBOSA, Marialva. Jornalismo impresso e a construção de uma memória para a sua história. In: BRAGANÇA, Aníbal; MOREIRA, Sônia V.(Orgs.). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005. p.102-111.

_____. Múltiplas formas de contar uma história. **Alceu** – Revista do Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, v.10, n.20, J, p.25-40, jan.-jul.de 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1977.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul – 1868 a 1880**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia de São Lourenço de Brindes, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CESAR, Guilhermino. **História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902**. Porto Alegre: Globo, 1971.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Imprensa literária de Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: UFRGS, 1975.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre**: Guia histórico. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. **Dicionário político do Rio Grande do Sul – 1827-1837**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. O Guayba: o papel do jornalismo literário na formação dos jovens sul-rio-grandenses em Porto Alegre (1856-1858). **Cadernos de História**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, v.16, n.25, p.46-76, 2015.

HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas**: O romance folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

LAYTANO, Dante de. Palavras para a presente edição. In: JANSEN, Carlos. **O Patuá**. Porto Alegre: UFRGS, 1974. p.9-13.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003.

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1978.

REVERBEL, Carlos et al. **Enciclopédia Rio-Grandense**. Porto Alegre: Sulina, 1968.

RICOEUR, Paul. Histoire de la philosophie et historicité. In: ARON, Raymond (Org.). **L'histoire et ses interprétations. Entretiens autour d'Arnold Toynbee**. Paris: Mouton: 1961. p.214-227.

_____. Mimêsis, référence et refiguration dans temps et récit. **Études Phénoménologiques**, Institut Supérieur de Philosophie, n.11, p.29-40, 1990.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

SANTOS, José Rodrigues dos. **Comunicação**. Lisboa: Prefácio, 2001.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Brasília: UNB, 1998.

Aline Strelow

Professora Adjunta da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizou pós-doutorado em Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Doutora e Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordenadora do Grupo de Pesquisa em História da Comunicação da Fabico/UFRGS. Editora da Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM). E-mail: alinestrelow@terra.com.br

Recebido em: 20.08.2015

Aceito em: 14.05.2016